

REVERBERAÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COM O ENSINO DE TEATRO NA UFBA

Cristiane Santos Barreto¹

O presente texto apresenta brevemente o projeto e a experiência como docente orientadora, do Subprojeto Artes/Teatro, no Programa Residência Pedagógica, CAPES/RP/UFBA, no período de novembro de 2022 até agosto de 2023. Fazem parte do Subprojeto atualmente 03 escolas parceiras da cidade de Salvador, Bahia, do ensino fundamental I e II: a Escola Municipal Paroquial da Vitória, a Escola Municipal Ary Tourinho (ambas desde o início) e, recentemente ingressou a Escola Municipal Nossa Senhora dos Anjo, sendo essa a terceira substituição devido à dificuldade de adaptação das preceptoras das escolas anteriores aos objetivos e ao funcionamento do referido Programa. Diante disso, pretendo refletir sobre o projeto, a pedagogia do teatro, a prática do artista-docente-pesquisador (a) e suas relações entre os agentes integrantes: universidade, comunidade escolar, residentes e preceptoras.

A proposta foi subdividida em 3 módulos de 140h cada, contemplando atividades de preparação, ambientação e regência, além de socialização e avaliação e enfatizou a formação prática e teórica do licenciando em teatro nos primeiros contatos com a rotina escolar. As primeiras atividades formativas ocorreram de modo híbrido, sendo inicialmente remoto e na sequência de forma presencial.

No primeiro módulo do projeto, houve o período de formação dos/das residentes e preceptoras em reuniões ampliadas orientadas por mim. Busquei possibilitar reflexões e discussões importantes sobre a vivência nas escolas, assim como textos e referenciais indispensáveis para a formação do artista-docente-pesquisador (a), dialogando com a experiência vivida pelas preceptoras nas suas respectivas escolas, sendo assim, tais reuniões

¹ Professora adjunta do Departamento de Técnicas do Espetáculo, da Escola de Teatro, da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Docente orientadora do Programa Residência Pedagógica UFBA/CAPES (2022 a 2024).
cristiane.barreto@ufba.br

aconteceram e ainda acontecem e são de grande proveito para entendermos sobre a rotina nas três escolas parceiras do Subprojeto.

As reuniões ampliadas mensais, além de alcançarem o objetivo de formação dos/das residentes, ainda criaram um ambiente propício para formação de relações entre os participantes do Subprojeto. Conseguimos entender sobre a dinâmica de cada escola e como cada preceptor/a desenvolve suas atividades de ensino de Artes/Teatro, além de conhecermos as pesquisas (objetos de estudo para a escrita de suas monografias, TCC, Trabalho de Conclusão de Curso) dos/das demais residentes, estabelecendo assim, laços mais fortes entre os/as bolsistas.

Após algumas reuniões, já com o reconhecimento das escolas e preceptores, os/as residentes puderam escolher em qual escola gostariam de exercer o período de regência. De maneira democrática e harmônica, cada residente escolheu, levando em consideração as turmas ofertadas e a localização.

Com as escolas escolhidas, os/as residentes iniciaram a etapa de ambientação em diálogo com seus preceptores. No período de preparação para o início das aulas, do ano letivo de 2023, tiveram reuniões semanais com os preceptores e foram conhecer as comunidades escolares: as estruturas, os corpos docentes, funcionários e vivenciarem a dinâmica escolar. Além do processo de ambientação, também foi feita as escolhas das turmas que cada residente fez um período de observação do perfil dos/das estudantes e pesquisa de repertório. Paralelamente, a partir da minha orientação, iniciaram a elaboração dos planos de ação de cada escola articulados aos planejamentos dos preceptores em diálogo com seus/suas residentes e, posteriormente, a elaboração dos planos de aula por residente para o início de suas regências em sala de aula.

Costumo afirmar que a vivência no chão da escola é o prato principal do Programa Residência Pedagógica para os/as residentes e os acompanhamentos são as leituras diversas, a escrita de relatos de experiência com o objetivo da reflexão e da articulação com a pesquisa, as reuniões para as trocas de saberes e fazeres, a participação em eventos acadêmicos formativos diversos, dentre outros.

O Subprojeto Artes/Teatro tem como proposta uma abordagem multirreferencial com o objetivo de estabelecer um novo "olhar" sobre o "humano", mais plural, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em nova perspectiva epistemológica na

construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais, portanto, está estreitamente relacionado com a noção de complexidade. Sobre isso, Edgar Morin:

[...] A complexidade aparece ali onde o pensamento simplificador falha, mas integra em si mesma tudo aquilo que põe ordem, claridade, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadoros de pensar, mas recusa as receptoras mutilantes, reducionistas, unidimensionalizantes e finalmente ocultadoras de uma simplificação (2001, p. 22)

O componente curricular na educação básica, ARTES/ Teatro, contribui para o desenvolvimento cultural e para o desenvolvimento sensível e crítico dos/das estudantes com a complexidade do contexto no qual estão inseridos. Portanto, possibilitar a experiência educativa por meio do sensível (2001, Duarte Jr.) com o teatro no Ensino Fundamental I e II, é uma ação educativa sociocultural. Sobre a importância da experiência para a formação do artista-docente-pesquisador/a, como bem destacou Jorge Larrosa:

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. (2014, p.10)

No campo da pedagogia do teatro, algumas práticas que envolvem processos de criação colaborativa destacam-se: os jogos teatrais de Viola Spolin (1997), os jogos de desmecanização do corpo de Augusto Boal (2002), a apreciação artística como atividade educativa para formação do espectador, de Flávio Desgranges (2006), procedimentos de criação dramática a partir de estímulos, de Beatriz Cabral (2006), jogos de apropriação de texto e criação dramática como os apresentados por Maria Lúcia Pupo (2006), dentre outros. Para fazer o cruzo de saberes e fazeres coloniais/decoloniais, a pedagogia da encruzilhada, de Luiz Rufino (2018), foi a base para “encruzilhar” as atividades lúdicas e improvisacionais de ensino de teatro e, com isso, proporcionar a reflexão crítica sobre a experimentação pedagógica-artística para o desenvolvimento das seis dimensões do conhecimento indicadas na BNCC para o ensino de Arte no ensino fundamental (2018): Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão articulados a alguns Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), a saber: Ciência e tecnologia; direitos da criança e do adolescente; diversidade cultural; educação ambiental; educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras; educação em direitos humanos e respeito e valorização do idoso.

O contexto social da cidade de Salvador, Bahia, abriga problemas que são comuns a todas as grandes cidades do Brasil: alto índice de pobreza e desigualdade na distribuição de renda, violência, dificuldade de garantir os direitos de igualdade, e as escolas públicas precisam lidar permanentemente com estas problemáticas.

Sabe-se que os processos de escolarização no Brasil, notadamente nas escolas públicas, enfrentam momentos delicados, de relevância, luta e resistência. Junto a isso, a falta de investimentos, valorização e, até mesmo, preparação por parte dos/das docentes evidenciam ainda mais essa situação de crise e a necessidade de mudança. Por isso, é preciso indicar aos/as estudantes possibilidades de construir uma nova realidade social e educacional, instigando-os a participarem como protagonistas, junto aos/as professores/as desse processo de construção e transformação. Entretanto, para que os/as alunos se sintam incitados e motivados à mudança, é necessário que o mesmo ocorra com os professores/as. De acordo com Freire (1997, p. 19):

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer.

Sendo assim, é necessário que os/as professores mudem, repensem e atualizem suas práticas pedagógicas relacionando-as com as distintas realidades vividas nas salas de aula. Portanto, experienciar diferentes práticas pedagógicas, reconhecer e valorizar as vivências dos/das alunos, bem como conhecer o cotidiano em uma sala de aula e seus desafios, são essenciais para qualificar um bom/a professor/a e dar um passo para a mudança.

No que tange ao contexto do ensino de teatro, sinalizo que as escolas municipais da cidade contam com professores/as efetivos/as concursados/as na área de Artes que podem colaborar de forma determinante para a formação dos/das alunos/as do curso de Licenciatura em teatro ao que se refere aos conteúdos tratados específicos do campo da pedagogia do teatro relacionados à teoria e à prática contextualizadas à realidade pedagógica (ensino fundamental I e II), suas estratégias de planejamento e metodologias de ensino.

Importante destacar a relevância do tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão para a formação do licenciando/a em teatro. Antes de ser professor/a, o/a estudante da Licenciatura precisa experimentar artisticamente, precisa sentir no corpo, na prática, o que vai ensinar para depois partir para o campo do planejamento do ensino, na sala de aula (professor/a) e depois ir além,

escrever e refletir sobre suas produções e criações artísticas (pesquisador). Sobre isso, Gabriel Perissé afirma:

É inconcebível, por princípio, um professor ministrar arte-educação e ser ele mesmo imaturo, alheio a uma compreensão abrangente de arte, carente de uma experiência apaixonada da fruição artística, ou até mesmo da prática artística em alguma medida (2009, p. 58).

Assim, diante do panorama descrito, a importância de desenvolver no espaço universitário ainda carente da ampliação de políticas públicas de consolidação da formação docente inicial, a participação de licenciando/das de teatro no Programa Residência Pedagógica com a perspectiva de avanço na formação docente através da troca de saberes e fazeres entre todos/todas participantes (residentes, preceptores/as e docentes orientadores/as) em uma proposta colaborativa que possibilite o diálogo produtivo da universidade com a escola.

É inquestionável a importância do subprojeto Artes/Teatro do RP para a construção do (a) artista-docente-pesquisador (a), licenciando (a) em teatro. Com essa vivência, que transcende a teoria, e se une a ela, na busca por novos conhecimentos através dos diversos meios encontrados nesse percurso. Dos encontros ampliados mensais comigo, dos encontros semanais dos/das residentes com os preceptores, das aulas nas escolas com a participação das crianças contempladas por esse programa, foram momentos de reflexões, discussões, flexibilidades, encontros preciosos, aprendizagens e trocas para o crescimento profissional de todos (as) envolvidos (as) na pedagogia do teatro. Sem dúvida o RP beneficia e transforma todos (as) que estão inseridos nesse processo, desde os (as) residentes, como toda a equipe que planeja e faz com que ele aconteça. Em resumo, estar no RP é trazer responsabilidade e enriquecimento para a nossa prática.

Palavras-chave: Artes/teatro, Pedagogia do teatro, Formação docente, Comunidade escolar.

Referências:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Transversais Contemporâneos na BNCC: Contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: Provação e dialogismo.** São Paulo: Hucitec, 2006

DUARTE JR., João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar, 2001

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 1. Ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre a experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e educação.** São Paulo: Editora Autêntica, 2009

PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. **Sinais de teatro na escola.** UNB: Brasília, 2006

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar.** São Paulo: Cosacnaif, 2009.

RUFINO, Luiz. **Pedagogias das encruzilhadas.** Periferia: Educação, cultura e comunicação. v.10, n.1, 2018.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** Revista Crítica de Ciências Sociais. 63, outubro 2002.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1997.